

A IGREJA E A SINAGOGA

(Esta foi a tese apresentada, defendida e aprovada no I Congresso Católico Livre, ocorrido na Cidade de São Paulo em dezembro de 1936, que resultou na conquista da Autonomia da Igreja Católica Apostólica Livre no Brasil e que constitui um dos documentos básicos da Catolicismo Salomonita) Dom Felismar Manoel – Bispo Primaz da ICAI-TS – Advento de 2010

A IGREJA E A SINAGOGA

(Mensagem apresentada ao **Congresso Católico Livre**, reunido em São Paulo, de 9 a 14 de Dezembro de 1936)

Salomão Ferraz

São Paulo

1936

Pesquisa: Dom Felismar Manoel

Coordenação: Dom Raimundo Augusto de Oliveira

Editoração e Diagramação: Maria Andrea Ferreira da Silva

FEIRA DE SANTANA

2013

“Estas coisas tenho dito, para que não vos escandalizeis. Expulsar-vos-ão das sinagogas; e tempo ainda virá que todo o que vos matar, julgará prestar um obséquo a Deus”

(João 16, 1-2).

Com estas palavras, no cenáculo, Jesus prevenia os seus discípulos da sorte que os aguardaria em próximo porvir, longe de receberem os aplausos da religião tradicional e oficial, como os seus mais altos expoentes, quais realmente eram, eles seriam repudiados pelos representantes oficiais da religião de Israel, seriam desautorizados e mais do que desautorizados, seriam perseguidos e expulsos da sinagoga e lançados à margem do visível redil de suas mais caras tradições, quando mais trágica não houvesse de ser a sua sorte.

A condição deles devia ser assaz penosa. Como dar, ao mundo pagão, testemunho da religião divina, revelada a Israel desde os séculos antigos, quando os próprios representantes desta religião não os reconheciam e os expeliam até no seu grêmio, como elementos estranhos, indesejáveis?

Com que autoridade se apresentariam perante o mundo, como representantes de uma gloriosa tradição de fé revelada, àqueles que foram corridos e expulsos do convívio dos representantes oficiais de sua própria religião? Que credenciais apresentariam eles ao grande mundo gentílico? Que crédito, poderiam merecer, quando os pagãos argumentassem com eles a maneira de Pilatos: “a tua própria nação e os principais sacerdotes entregaram-te as minhas mãos”?

O Selo do Espírito Santo

É por isso que nosso Senhor põe nas mãos deles uma outra credencial que vale muito mais do que todas as chancelas oficiais, e sem a qual todos os sinetes oficiais são de nenhum valor; **o selo do Espírito Santo, o Paráclito, o Espírito da verdade, que lhes seria enviado da parte do Pai.**

Munidos de semelhante credencial, eles dariam testemunho de Cristo, da Sua divindade, do Seu amor, do Seu poder, da Sua redenção.

Expulsos, embora, das sinagogas, cortados das relações com o oficialismo religioso do dia, **não estavam cortados da comunhão com Cristo e com o verdadeiro Israel de Deus, o Israel que traz na frente e no teor de sua vida, a marca do Altíssimo.**

Assim foi nos dias apostólicos, e assim tem sido sempre, especialmente em períodos de geral decadência espiritual. **E quem se dispuser a dar leal testemunho de cristo, sem traficar com o mundo, com o pecado, com os erros ou os preconceitos, deve estar preparado para arcar com as consequências.**

“O Tal Diotrefes”

E a primeira destas consequências é ser excluídos dos quadros oficiais da religião. “Expulsar-vos-ão das sinagogas”. A sinagoga havia se tornado, naquele tempo, o símbolo da religião em decadência.

E tal espírito de “sinagoga” começou bem cedo a proliferar na própria Igreja, como escreve

João na sua Terceira Epístola, a respeito de um tal Diotrefes, que em certa igreja gostava de ter a primazia: **“Escrevi algumas coisas a igreja, mas o tal Diotrefes, que gosta de primazia entre eles, não nos recebe, e não satisfeito com isso, ele mesmo não recebe os irmãos, e aqueles que os querem receber, ele proíbe de o fazerem, e os exclui da igreja”**. Era o “espírito da sinagoga” que começava a transportar-se para a Igreja, e que tantos males têm causado a causa da religião, arvorando o mandonismo como bandeira e a intolerância descaridosa como regra.

O “espírito da sinagoga”, que prevalece hoje em tantos setores dos que professam a religião cristã, não pode tolerar o espírito elevado, largo e divino de Jesus Cristo e daqueles que assim o representam. Prefere cada qual viver no seu cubículo, com os seus tabus, com os seus preconceitos, substituindo o zelo da verdade, pelo zelo sectário ou das conveniências do momento. É mais fácil levar o povo explorando a sua ignorância, a sua superstição, ou o seu espírito de revolta, do que instruí-lo lealmente na verdade cristã integral, em todos os seus aspetos. **Porém a verdade**

integral, católica, no real sentido do termo, é que emancipa as almas. As meias verdades, ou as verdades unilaterais, no espírito apertado da seita, conduzem ao fanatismo, fomentam desnecessários ódios e desagregam as almas.

Certo é que o testemunho da verdade suscita odiosidades e violências, porem odiosidades e violências inócuas não medram, e isso porque, não correspondidas da mesma forma, não encontrando do outro lado terreno propicio a sua propagação, morrem com os seus autores.

Os que trabalham, pois, com Cristo, no espírito de Cristo, embora provocando reações nas sinagogas de todos os quadrantes, estão realmente edificando o Reino de Deus e concorrendo para uma situação social em que impera a verdade e a justiça, o amor, e por isso mesmo também a paz e a verdadeira liberdade.

Ser, pois, por amor de Cristo, “expulso da sinagoga” qualquer que ela seja, é somente um motivo de honra para quem traz no seu intimo, o “testemunho da verdade, que procede do Pai”.

O Senhor preveniu os Seus discípulos para que não se julgassem a si próprios pelos aspectos da sinagoga ou pela sua situação na sinagoga, mas pelo testemunho do Espírito. “Estas coisas vos tenho dito, para que não vos escandalizeis”.

Há uma abismal diferença entre o “Espírito da verdade” e o espírito da sinagoga, e conseqüentemente **entre os que são animados pelo Espírito da verdade** e os que são atuados pela mentalidade da sinagoga.

O Espírito da Verdade

O Espírito da verdade, como a sua própria designação o indica, é o que coloca no lugar supremo a Jesus Cristo e a verdade, a quem tudo o mais se subordina. O espírito da sinagoga, pelo contrario, deifica a ordem estabelecida e os seus representantes, os quais zelam mais da sua própria posição de prestígio e mando, do que da gloria de Deus, do que dos interesses da verdade e do bem das almas. São por isso intolerantes, e arvoram o vicio da

intolerância como a suma virtude e o apanágio dos seus adeptos. E por essa razão não hesitam em expulsar da sinagoga, negando-lhes pão e água, aos que, com os olhos de Cristo, não poder ler exatamente na cartilha deles.

Mas o que há de salvar hoje o mundo, que ameaça ruína, não é absolutamente o espírito estreito, intolerante e mesquinho da sinagoga, fomentador de ódios, despeitos e rivalidades entre os homens que são reduzidos ao servilismo fanático com espasmos de violentas reações extremistas, **mas é o Espírito da verdade, que testifica de Cristo, que liberta do pecado e do vão temor das almas e as edifica na divina estrutura da Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica.** O espírito da sinagoga dilacera a Igreja, escravizando as almas; **o Espírito da verdade unifica as almas na fé, no amor, na liberdade dos filhos de Deus, edificando-as no senso divino e livre de uma santa Igreja universal.**

E os que pretendem servir lealmente a Cristo, hoje, nestes dias de depressão espiritual, assim como os que o serviram nos dias primitivos, devem ser prevenidos, para que não

esmoreçam, para que não se escandalizem, quando forem porventura lançados fora da sinagoga de qualquer oficialismo farisaico.

Fora da Sinagoga, Junto de Cristo

Fora da sinagoga, talvez, porém mais junto de Cristo, respirando a plenos autos as auras livres do Espírito da verdade. **E onde Cristo está, é onde se mostram os sinais iniludíveis do Espírito da verdade, ai também se encontra uma legítima expressão as Santa Igreja Católica e Apostólica**, sem embargo das decisões de intolerância absorvente e facciosa da sinagoga.

O que absolutamente importa é estar em comunhão com Cristo, no espírito de Cristo. E os que estão com Ele, em consonância com os seus ideais, com espírito elevado e fraternal, sem ódios, sem paixões subalternas, em qualquer lugar que estejam reunidos em Seu Nome, **ai constituem uma legítima expressão de Sua Igreja, do Seu rebanho**, a que nenhum aresto da sinagoga poderá jamais avaliar.

“Porque onde dois ou mais estiverem reunidos em meu Nome, ai estou Eu no meio deles”.

Tal e a magna carta de Cristo, que garante os seus leais servidores contra toda a violência das sinagogas antigas e modernas.

A Chave de Davi

A chave suprema, a chave de Davi, que abre e ninguém fecha, que fecha e ninguém abre, encontra-se na Sua mão divina, e nenhum pretense preposto seu, aqui na terra, poderá jamais arrebatá-la e usá-la arbitrariamente a seu talante. **E essa chave é prometida especialmente a todos quantos, como os fieis cristãos em Filadélfia, guardam zelosamente a Sua palavra e não negam o Seu Nome,** embora impugnados e combatidos, como diz o Apocalipse, pelo satânico espírito da sinagoga.

Os que tem o selo do Espírito da verdade, que amam a Deus, a verdade, a justiça e o bem,

podem viver e agir livremente, sem temer quaisquer trovões de sinagogas.

O que cumpre, em nossos dias, não é justificar, não é edificar o velho espírito de sinagoga, estreito, intolerante, fanático, perseguidor, **mas o espírito generoso, largo, cordial, fiel e fraternal da Santa Igreja de Cristo.**

Esta é a verdadeira rocha, sobre a qual edificada a Igreja de Cristo, contra ela não poderão jamais prevalecer as portas das potências do abismo.

A igreja hebraica, de tão gloriosas tradições, veio a cair no funesto espírito de sinagoga. **É preciso que os cristãos, hoje, reajam e não se deixem estultamente arrastar ao mesmo precipício.**

Contra o espírito mau da sinagoga não é remédio a indiferença religiosa ou o espírito da impiedade, que tem o efeito somente de agravar o mal. **Único remédio, divino, eficaz, é o Espírito Santo, de verdade, de amor, pureza e comunhão.**

Distintivos da Sinagoga

A sinagoga é propriedade de homens para o serviço de Deus, como pretenderá: **mas a Igreja de Cristo é a casa de Deus, para a Sua Gloria, sob a custódia do Espírito Santo, a cargo de homens, para o serviço dos homens.**

A sinagoga tem como o seu mais vivo escopo servir, ou ao interesse dos chefes, ou de castas, para assegurar-lhes o poderio (clericalismo), ou ao interesse de grupos, de facções (sectarismo); **ao passo que a Igreja visa, acima de tudo, honrar a Deus e, no espírito de amor, de sacrifício e liberdade, servir a humanidade na pessoa de cada um de seus membros.** Os processos da sinagoga diferem também profundamente dos processos de Cristo e da verdadeira Igreja. A sinagoga procura segurar os seus adeptos pelo medo,

que lhes incute, de ficarem mal vistos e boicotados pelos seus comparsas, no caso de incorrerem no desagrado dos chefes ou da facção. **A Igreja, pelo contrario, com plena confiança em Deus, nutre o mais profundo respeito pela consciência de cada homem e de cada mulher de retas intenções. A ninguém procura levar pela compressão, pelo pavor, pelo suborno ou pelo dolo, mas pela verdade, pela persuasão, pelo amor, pela paciência, pelo exemplo. A sinagoga inculca o fanatismo, o ódio; a Igreja ensina o amor, a paciência, a tolerância pela opinião sincera dos outros, a verdadeira caridade que tudo suporta, tudo sofre, tudo espera. A sinagoga escraviza; a verdadeira Igreja ensina os homens a ser livres, disciplinados, e a usar dignamente da sua liberdade para o bem geral.**

A sinagoga vive para si, para assegurar o poderio de chefes ou de grupos, **a Igreja, como Cristo, deixa-se imolar em sacrifício, para servir com amor aos homens, sem preocupações de honras ou vantagens humanas que possa porventura auferir.**

Há vários tipos de sinagogas com rótulos de igreja: sinagogas em que os chefes são os únicos donos, e sinagogas em que o povo é o dono, em que o povo manda; sinagoga de governo oligárquico ou monárquico, e sinagogas de governos democráticos; porem sempre sinagogas, com o espírito estreito, intolerante, fanático, entreguista, faccioso, perseguidor.

O que confere a uma comunidade, grande ou pequena, o feitio moral e espiritual que faz dela uma parcela da Igreja de Cristo, uma legitima expressão da Santa Igreja Católica e Apostólica, não é esta ou aquela forma administrativa, mas, sobretudo, o seu espírito.

Sinagogas Rivais

Contra o mau espírito da sinagoga, de que se acha eivada a Igreja hodierna em todos os seus ramos, e que responde pela fraqueza da religião organizada em face dos tremendos problemas sociais da atualidade, não é remédio o afã com que muitos se empenham em erguer

sinagogas rivais no mesmo espírito tacanho, intolerante, inquisitorial, descaridoso. Basta de sinagogas: **o que as almas carecem é a comunhão real, ampla, viva, integral com Cristo, no poder do Espírito Santo, no senso glorioso e inspirador de uma comunhão viva com Deus o Pai, de quem toda a família no céu e sobre a terra toma o nome.**

Certo é que levantar uma simples sinagoga, arvorando como fundamento algum princípio doutrinário ou de ordem administrativa, embora verdadeira e útil em si, ou arvorando com cega intolerância a bandeira de alguma prática peculiar que fere superficialmente a atenção das massas, é, de fato, muito mais simples do que **trabalhar com inteligência, com afinco e com fé, a fim de edificar nas almas, com a sua respectiva expressão externa, a estrutura grandiosa da Igreja, a qual tem Cristo como cabeça, como chefe supremo, no dizer de São Paulo, e de quem todo o corpo, nas suas múltiplas partes conjuntado, ajustado e coligado, sem exclusão de nenhuma de suas peças legítimas, e com a contribuição vital de cada um para a vida do todo, efetua o crescimento**

do corpo pela sua edificação em amor. Edificação em amor entenda-se, e não a golpes de autoritarismo opressor.

Difícil é, certamente, hoje, como sempre, uma obra desta natureza. **Mas foi esta obra pela qual Jesus Cristo deu a Sua vida, e pela qual são Paulo e os demais Apóstolos lutaram, sofreram e ofereceram em holocausto também as suas vidas. A sinagoga os perseguia não lhes deu descanso um só momento.** Mas eles não se deixaram vencer da virulenta oposição da sinagoga, nem se deixaram eivar de seu espírito. Contra a sinagoga fanática, estreita, intolerante, eles não pensaram em levantar outra sinagoga nos mesmos termos, **mas lançaram os fundamentos da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.**

Judeus e Samaritanos

A sinagoga fomenta espírito de odiosa rivalidade contra os samaritanos, de modo a ficar célebre a frase de que “os judeus não se

comunicam com os samaritanos”. A Igreja passou por cima destas pendências e recebeu com carinho e respeito os crentes samaritanos. **As prevenções odiosas do sectarismo não são da índole da Igreja, mas da sinagoga.**

As nações, apesar das fundas divergências que as dividem umas das outras e dos interesses particulares que as separam reconhecem, todavia, a moeda fiduciária umas das outras: papel moeda é dinheiro corrente em toda a parte. **Porém, as organizações religiosas, na demência do espírito da sinagoga, não reconhecem os Sacramentos umas das outras, a não ser em escala muito restrita, tornando a batizar os que já foram batizados e disputando por minúcias impertinentes em prejuízo do espírito de universal irmandade em Cristo, de que os sacramentos deveriam ser a visível expressão e veículo, independente de questões administrativas e o absurdo do espírito de sinagoga, nesta matéria, tem chegado a tal ponto, que uma associação piedosa e consagrada, como o Exército da Salvação, para poder agir em paz, sem atritos, julgou melhor abolir de seu sistema**

os Sacramentos, a culpa de tal mutilação é menos deles do que do espírito de sinagoga que prevalece, em geral, nos grêmios religiosos.

O Critério da Sinagoga

O espírito da sinagoga julga a validade das coisas, mesmo as mais santas e que mais visivelmente trazem as marcas de Deus, pela sua conformidade e inconformidade com pequeninas regras formuladas pelos homens. Jesus Cristo não era de Deus, na opinião farisaica da sinagoga, simplesmente porque não respeitava a lei do sábado exatamente como eles entendiam e ensinavam. **E hoje, o mesmo espírito farisaico impugna também o ministério de homens fiéis, abençoados por Deus em feitos de valor, pela simples razão de que não receberam a sua investidura de acordo com certos cânones, feitos por eles, e que reputam mais importante do que as leis da justiça e da caridade. E selo deles vale mais do que o selo de Deus.**

Tal é o farisaísmo dos que fazem absolutamente depender a validade das ordens ministeriais da rigidez de certa continuidade histórica. E o mesmo se poderia dizer dos que arvoram um certo modo de batismo como termo de comunhão ou de excomunhão entre os crentes. É a mentalidade de sinagoga.

Porém, o Espírito da Igreja, como o de Cristo, é largo, é generoso, caridoso e livre da escravidão a regrinhas, que podem ser boas em si, em sentido geral, mas nunca em caráter absoluto, inexorável, sobrepondo-se as leis da justiça, do amor, da caridade fraternal. Não se confunda a Igreja com a sinagoga.

Os judeus, no caso da cura do cego de nascença, tinham combinado “expulsar da sinagoga todos os que confessassem que Jesus era o Cristo”. A sinagoga é sempre a mesma em todos os tempos, e a sua arma predileta é também sempre a mesma: a expulsão dos que lhes caem no desagrado.

A Estolidez da Sinagoga

Fabricantes de máquinas de escrever, para maior conveniência do público, e também no interesse deles próprios, são acordes em construir máquinas com um certo dispositivo de teclado, a que dão o nome de “universal”; de modo que alguém que aprendeu a usar a máquina “Royal” não tem maior dificuldade em usar uma “Remington”, uma “Underwood”, ou qualquer outra. Nenhum fabricante tem a estolidez de montar uma máquina com um teclado em tudo diferente do que os outros fazem, com o intuito de não fornecer clientes para outras marcas. É que elas compreendem que, servindo ao interesse geral, servem ao próprio interesse.

Pois o que os fabricantes de máquinas de escrever não fazem, **os cristãos têm a estolidez de fazer uns com os outros, baralhando nomes, mudando ritos sem necessidade, levando por toda a parte a confusão às almas.** Era esse, exatamente esse, o espírito da sinagoga, em que judeus e samaritanos mais facilmente poderiam tolerar os pagãos idólatras, do que tolerar entre si um ao

outro, apesar de possuírem, ambos os privilégios inestimáveis da religião divina, revelada ao povo de Israel.

A sinagoga acentua e provoca diferenças, como entre Jerusalém e Carazim, com fins egoísticos, partidários, insensatos. E, modernamente o espírito de sinagoga aparece, ora desacreditando a Bíblia ou as edições que não trazem o carimbo de uma certa sinagoga, ora desacreditando o sacramento da Eucaristia e tratando com menoscabo o culto externo, em geral, como praticado por outros que não pertencem a mesma sinagoga. **Porém, o Espírito da Igreja é outro: procura em tudo conhecer a verdade e evitar discrepâncias, procurando a uniformidade geral da expressão, para não causar dividas e perplexidade as almas.**

Fabricantes de material elétrico adotam, para seus produtos, um padrão comum. Qualquer que seja a procedência de uma lâmpada, obedece a certa bitola, que se adapta a qualquer soquete. Ninguém tem a insensatez de adotar uma medida de soquete somente para as suas

lâmpadas e não para as outras. Mas o que os homens do comercio não fazem, apesar da forte concorrência entre si, **os cristãos fazem uns contra os outros, adotando cada grupo uma medida propositalmente diferente para s seus adeptos, para que recebam luz e conforto somente deles, e não de outrem.** E o resultado é que há muitos que rendem o ultimo alento às escuras, sem a luz do conforto de ministro ou Sacramento, só pelo motivo de que, no momento, não se encontra um ministro do tipo peculiar a que foram ensinados a reconhecer como o único válido e verdadeiro.

O espírito de sinagoga frisa diferenças de práticas religiosas, para ter os adeptos presos ao seu exclusivismo; **a Igreja, porém, procura um padrão comum que sirva para todos, em todas as conjunturas. E por isso não segue práticas nem nomenclaturas religiosas arbitrárias ou sectárias, mas procura conformar-se, com o uso universal, para o bem das almas. E quando encontra diversidade de expressão, não faz disso motivo de escândalo, mas procura ler o real sentido das coisas, o fundo, a intenção, com espírito de caridade.**

Fiel ou Infalível?

A sinagoga zela, acima de tudo, a sua própria existência, o seu prestígio; a Igreja zela a sua missão, a sua finalidade, no desempenho da qual se dispõe a deixar consumir. **O lema da Igreja é: “fidelidade”, “Se fiel até a morte”;** o lema da sinagoga é a presunção de “infabilidade”. **Humildemente a Igreja procura ser fiel, e nesta fidelidade encontra o caminho seguro e certo;** a sinagoga apresenta-se como infalível, e comete os maiores destinos.

O Zelo da Sinagoga

A sinagoga tem como principal escopo o fazer proselitismo, angariar adeptos e segurá-los, relegando outras questões a um plano secundário. São capazes de rodear a terra e o

mar para fazer um prosélito, como dizia Nosso Senhor. **Porém o fim principal da Igreja é proclamar o Evangelho da livre graça de Deus, libertar do pecado as almas, uní-las a Deus e umas as outras em amor fraternal, em amor universal, para com os seus clarões iluminar as trevas do mundo.** Sinagoga e Igreja, embora muitas vezes se confundindo uma com a outra, são, contudo entidades diversas, com escopos diferentes.

A sinagoga, glosa do poderio sobre as almas, nada tem do espírito largo, generoso e de leal apreciação, mas somente o de critica descaridosa e amarga para tudo o que não cai dentro de seu sistema e da sua jurisdição; e vive a semear desconfiança, a inculcar mórbidos temores, e a empeçonhar o ânimo dos crentes contra os seus irmãos. **Porém, a verdadeira Igreja, fiel a Cristo e a verdade, não busca o predomínio, mas trabalha zelosamente pela verdade, pela paz e a boa vontade entre os homens, e muito especialmente entre os que seguem o mesmo Senhor, abraçam a mesma fé, e que foram publicamente selados pelo mesmo batismo em nome do Deus Trino.**

E que estamos nós, cristãos, edificando hoje no mundo, e especialmente em nossa Pátria? A Igreja de Cristo ou a sinagoga?

A sinagoga não resiste aos embates das forças contrárias, **mas a verdadeira Igreja de Cristo mantém-se firme, ereta, inalabalavel, edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo o mesmo Jesus Cristo a principal pedra angular.**

O Furacão

Ouve-se, em nossos dias, o rugir furioso da tormenta, das convulsões sociais, sopra com ímpeto o furacão, e das montanhas descem com fragor as caudais violentas, arrasadoras. Pobres sinagogas, erigidas superficialmente no espírito do fanatismo e intolerância, para exploração do vulgo, sem base na rocha dos séculos, não resistem aos embates; **mas a verdadeira Igreja de Cristo, coluna e apoio da verdade, no dizer de são Paulo, ficará indene, e sairá mais pura e mais forte dos embates.** A sinagoga procura os arrimos da política e não

recusa o auxílio até de satanás para manter-se no prestígio, no poder. **Mas a Igreja de Cristo, cônica de seu próprio valor e de suas bases eternas, não precisa amparar-se às escoras das facções políticas da direita ou da esquerda, porque se mantém de pé, por si, pelo divino poder que a sustenta e que a salvará em toda a conjuntura. Mesmo no dilúvio, a arca sagrada sobrepára, sobre o geral cataclismo.**

A grande obra social, ainda em nossos dias, como nos dias apostólicos e sempre, é a da edificação da Igreja de Cristo.

Mas edificar a Igreja não é o mesmo que edificar sinagogas. Ninguém se iluda com os sucessos fáceis, fanatizando as turbas, porque o Dia do Senhor, que se aproxima, virá demonstrar, de um modo claro o valor ou a inanidade de toda a obra social. O valor real de uma obra não se aquilata pela grandiosidade e opulência das suas solenidades, do seu ritual e dos seus monumentos de arte, nem ainda do seu anti-ritualismo simplista, mas pelo seu espírito. A face de muito monumento de arte religiosa, erigido no espírito de sinagoga, Nosso

Senhor diria hoje o mesmo que disse do famoso santuário da metrópole dos hebreus, quando os discípulos lhe chamavam a atenção para a imponência da estrutura: **na verdade, na verdade vos digo, que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja demolida”**.

São Paulo e a Sinagoga

Toda a vida de São Paulo foi uma porfiada luta contra o espírito da sinagoga, a sinagoga dos judeus, de onde o expulsaram, e da qual se conformou em retirar-se, e a sinagoga que teimava em infiltrar-se dentro da própria Igreja pela atuação teimosa do partido judaizante, que alegava os seus privilégios singulares de raça, de tradição, mesmo de tradição apostólica, como os genuínos representantes dos doze, e procurando, destarte, sobrepor-se aos demais irmãos e desacreditar o ministério apostólico de São Paulo. “Eles vos procuram zelosamente, dizia São Paulo aos gálatas, não com bons motivos, mas que querem vos excluir, para que zelosamente os procurais a eles” (Gal 4,17).

Quanto a questões de privilégios de raça ou de tradição, São Paulo, podia competir vantajosamente com qualquer um deles, “hebreu de hebreus, a tribo de Benjamim, estrito observador da lei, fariseu”. Porém, todas estas coisas, todos estes privilégios exteriores, de que se valem os homens para desprezar os seus irmãos, São Paulo considerava como escória como lixo, em face do conhecimento real que ele tinha de Cristo e da sua graça, mediante a fé que salva, que emancipa e fraterniza as almas.

Porém é penosamente interessante observar como, hoje, vivem muitos a alegar desmedidamente semelhantes privilégios de sucessão de ordens e outros privilégios que os autorizam, segundo crêem, a quebrar a unidade espiritual com os seus irmãos.

O que São Paulo lançou fora, como lixo, em face do glorioso conhecimento da graça de Cristo pela fé, é o que muitos vivem hoje a ajuntar e guardar zelosamente como o seu mais rico patrimônio! O espírito da sinagoga, infiltrando-se no mundo cristão, tem rebaixado e desvirtuado o nobre padrão apostólico da Igreja.

O Escândalo da Sinagoga

A conversão dos judeus tem sido retardada durante séculos, não somente devido a sua dureza e impenitência, mas sobretudo pelo espírito da sinagoga que eles estão observando no cristianismo organizado. Sinagoga por sinagoga, preferem a das suas tradições. Não há lucro em sair de uma sinagoga para outra. **Só a Igreja, no sentido apostólico, é que pode ter vantagem sobre a velha sinagoga dos hebreus.**

Indivíduos há, retos e bons, exemplares em tudo e não desprovidos de religião no seu íntimo, e que, no entanto, se conservam arredios de qualquer grêmio religioso. A causa disso não é somente a sua astenia, a sua indiferença, mas deve ser atribuída, em grande parte, ao repulsivo espírito de sinagoga, e que se esforça por mudar-lhe o espírito, etano (?) a ser lançado fora e a buscar Cristo alhures, “fora do acampamento”, como diz a Epistola aos Hebreus, do que aquele que permanece esquivo, de fora, de palanque, como simples “torcedor”, enquanto outros, heroicamente, se

batem, para sustentar aqui e ali, a boa causa... obedece ao leme somente o barco em movimento. Há muito mais esperança para quem se move erradamente, com boas intenções, do que para quem se deixa levar da correnteza, não se arrisca a sair do ancoradouro. O prêmio supremo da vida pertencem aos homens de valor, de fé, que não temem arranhões e não fogem a luta.

Fusão de Sinagogas

O remédio contra o espírito de sinagoga, hoje, não é uma grande associação de sinagogas, não é reunir muitas sinagogas em uma só. Uma grande associação de sinagogas, mesmo que isto seja possível, não constitui a Igreja, mas a mesma sinagoga, e muito mais perniciosa. Muitos limões galegos não se tornam uma laranja baiana, mas continuam os mesmos limões, acres, sem o desejado sabor. Uma grande sinagoga, com milhões de adeptos, não é menos sinagoga que um pequeno grupo,

sectários e esquivos, que acalenta o espírito de sinagoga.

O que cumpre, antes de tudo, é implantar diretamente nas almas, pelo testemunho corajoso da verdade, o senso glorioso e apostólico da Igreja, que liberta as almas, que as santifica e irmana sem as seduzir ao servilismo, a Igreja que serve de padrão aos povos que não renunciaram ao sacrossanto ideal de ser livres.

Levante-se, primeiro, nas almas o senso apostólico da Igreja, e depois será fácil congregar, inteligentemente os esforços individuais em uma causa comum.

A verdadeira igreja não é imitação da sinagoga, e o espírito dos cristãos deve ser outro, mais elevado, mais nobre, mais caridoso, e melhor do que o dos escribas e o dos fariseus. “Se a vossa justiça, disse Jesus, não exceder a dos escribas e dos fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos Céus”.

A maior pendência, em nossos dias, não é entre a Igreja e o comunismo, como alguns crêem, mas entre a Igreja e a sinagoga, entre o

Espírito e Cristo e o fermento maligno dos fariseus. Não foi de balde, que o Senhor, desde o início, preveniu os seus discípulos: “Guardai-vos do fermento dos fariseus”, ou em outros termos: “Guardai-vos do espírito da sinagoga”.

A Verdadeira Igreja: Onde?

Mas onde afinal é, que se pode ver hoje a verdadeira Igreja, distinta da sinagoga? É o que cada um deve responder por si, pondo a mão na consciência. **Porque a verdadeira Igreja, antes de se mostrar externamente, deve ser realidade no íntimo de cada consciência,** quando, nos dias de Cristo, muitos esperavam ver o Reino de Deus em alguma manifestação exterior, visível, estrondosa, em que se pudesse dizer, “Ei-lo aqui, ei-lo acolá”, em qualquer grêmio exclusivista. Nosso Senhor apontou para o lugar onde primeiro deveria se manifestar o Reino de Deus **“o Reino de Deus está dentro de vos mesmos”**. Se não está dentro das almas, quaisquer manifestação exteriores serão espúrias.

Assim também a verdadeira Igreja deve ser, antes de tudo, edificada e encontrada no íntimo das almas, verdadeiramente convertidas a Deus. O contrário disso, não é edificar a Igreja de Deus, mas a sinagoga.

Em Nome de Cristo

A legítima expressão da Igreja não depende do número de congregados, nem das suas pretensões, mas da sua atitude espiritual, de fé, amor, sacrifício e devotamento aos supremos ideais de Cristo. **Porque, aos olhos de Cristo, mais valem dois ou três apenas, no mínimo da pluralidade, reunidos em seu nome, com intuitos límpidos, do que os congressos monstros com propósitos equívocos.** Pois o Senhor mesmo declarou aos seus discípulos “Não temais, o pequenino rebanho, porque é do agrado de vosso Pai dar-vos o Seu Reino” (Lc 12,32).

A legítima expressão da Igreja encontra-se em toda a parte onde os homens se reúnem sinceramente em nome de Cristo, com os

seus mesmos propósitos, os seus santos ideais.

“Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu Nome, aí estou eu no meio deles”. Porém não disse: “onde dois ou três estiverem reunidos sob a jurisdição de um Bispo, de um Patriarca, de um Papa ou de um Presbítero”, que são questões administrativas, úteis sem dúvidas ao seu lugar, mas de ordem secundária. Ele não condicionou a sua presença a quaisquer formas administrativas, mas ao motivo que leva os homens a se reunirem em ato comum de culto e de ação: “em Meu Nome”.

A sinagoga é constituída dos que se agremiam em nome de chefes, de castas, de partidos ou de sistemas, ou da sua própria entidade coletiva; **a Igreja é constituída, por todos os que, esquecidos de si mesmos, dos interesses de ordem particular ou subalterna, se congregam em nome de Cristo e dos altos interesses do Seu Reino. É com estes, sem quaisquer outras imposições, que o senhor prometeu estar presente até o fim dos séculos. Pois são estes que trazem as marcas da verdadeira Igreja, não sobre um**

pobre Simão, e outros mais frágeis que ele, mas sobre a Rocha dos séculos, Jesus Cristo, e sobre todos os que, como São Pedro, confessam a verdade e vivem a verdade.

A esta Igreja, e não a sinagoga, em que se tem transformado o mundo cristão hodierno, é que foi feita a promessa de que as portas do inferno no prevalecerão contra ela.

A Reação das massas

A reação de repulsa das massas, hoje, é menos contra Cristo e contra a Igreja em si, do que contra o farisaísmo hipócrita e o espírito de sinagoga de que se encontram eivadas, em maior ou menor escala, as instituições religiosas. O que pereceu em Jerusalém, na sua destruição pelos exércitos romanos, no primeiro século, não foi a Igreja fiel, norteadada pela inspiração de Moises e os Profetas, mas a sinagoga egoísta, pretensiosa, desumana, intolerante.

A sinagoga, hoje, tem tudo a recear; **mas a Igreja de Cristo, fiel ao espírito do Mestre, nada tem que temer.**

A grande tarefa, em nossos dias, é de edificar, profundamente nas almas a Igreja de Jesus Cristo a despeito de todos os embargos do espírito nefasto da sinagoga. Pois a sinagoga, egoísta, exclusivista intolerante, descaridosa não resiste aos embates das forças adversas colocadas, mas a verdadeira Igreja, permanecerá firme, porque, como diz o salmista: “Deus está no meio dela, e não será jamais abalada”.

O Véu Rasgado

O que cumpre hoje, não é andar de sinagoga para sinagoga, ou fundar novas sinagogas, mas viver e agir no espírito do Cristo, onde quer que nos achemos. Se, por esse motivo, alguém for lançado fora, com afronta, pelo espírito farisaico da sinagoga, não se aflija por isso, nem se escandalize. Porque, fora da sinagoga, não quer dizer fora da **verdadeira**

Igreja, que se encontra em toda a parte onde os homens se reúnem em nome do Senhor, em nome dos seus ideais, sem egoísmo, sem propósito subalterno; em toda a parte os homens se chegam a Deus pelo espírito novo e da vida, Jesus Cristo, através do véu que de uma vez para sempre foi rasgado desde o memorável dia da Paixão da Cruz.

Vedado que seja o acesso a sinagoga, que fecha ao seu arbítrio as portas, ninguém deve entregar-se por isso ao desalento e ao pessimismo, como prevenia o Senhor aos Seus discípulos. **Nunca fecha os homens uma porta, sem que Deus abra outra mais ampla. Há uma porta que ninguém jamais pode barrar: é a porta que dá livre acesso as almas errantes ao Trono da celeste graça. A divina franquia é clara, sem sofismas: “Cheguemos com confiança ao Trono da graça, para que recebamos misericórdia e achemos graça, a fim de sermos socorridos em tempo oportuno”.**

Tal é a mensagem do Espírito, secundada pela Igreja, a Esposa de Jesus Cristo.

Mensagem que liberta, que inspira, que santifica, que salva e fraterniza os homens.

As Barreiras

A sinagoga, ávida sempre de encarecer seu próprio valimento, impõe barreiras artificiais no caminho que leva para Deus; **mas a Igreja fiel remove os obstáculos e ajuda as almas no seu livre acesso ao Pai celeste mediante Jesus Cristo.**

A sinagoga diz: “Quem não é de nós, não é de Deus”. **A Igreja porém diz: “Quem não é de Deus, não é de nós; quem é de Deus, é dos nossos”.** A sinagoga julga pelo seu peculiar padrão os homens e as coisas; **julga-os, porém a Igreja, pelo padrão de Jesus Cristo, e por isso mesmo é caridosa, tolerante, paciente.**

Quando o espírito de sinagoga se manifestou nos primeiros discípulos, que proibiram de fazer milagres em nome de Cristo ao taumaturgo estranho. Nosso Senhor

terminantemente os condenou: “Não lho proibais”. A sinagoga coloca acima de tudo o valimento de sua própria autoridade; julga-se de posse do poder absoluto das chaves, e delas faz uso para oprimir e escravizar as almas.

A sinagoga, ambiciosa de prestígio e poderio, atribui a si o máximo de virtude, como indispensável medianeira de toda a bênção; a Igreja, embora segura de seu grande valimento, coloca a ênfase sobre a fé, que põe a alma em direto contato com Deus, e diz, a maneira de Jesus, à mulher que foi curada por tocar-lhe a fimbria da capa: **“Tem ânimo, filha, a tua fé te curou”**. A sinagoga, morbidamente cônica de si mesma, procura por-se em evidência para todos os efeitos, mesmo a custa de escravizar e deprimir as almas; **a Igreja, pelo contrário, esconde-se na penumbra, sempre que possível, para que seja manifesto o poder de Deus mediante a fé, com o resultado de ser atribuída maior glória a Deus, e de trazer libertação as almas.**

A sinagoga diz ao cego de Jerico: “Cala-te, não clames mais”. **A Igreja porém lhe diz:**

“Levanta-te, tem bom ânimo, o Mestre te chama”.

Tal é o espírito da sinagoga, e tal o espírito da Igreja de Jesus Cristo, como nós, cristãos, a devemos apresentar perante o mundo.

A Igreja Livre

A Igreja não é uma mera associação humana, formada ou dissolvida ao sabor dos indivíduos associados, **mas é uma criação sobrenatural, tendo seu fundamento em Deus e no mundo invisível.** Mas por ser exatamente uma entidade sobrenatural é que ela não se deixa escravizar a quaisquer pretensões humanas de poderio exclusivista, e nem a sua existência é condicionada de um modo absoluto a este ou aquele sistema administrativo, à maneira da sinagoga. **A Igreja de Cristo tem sua sede, não na Jerusalém cá de baixo, que é escrava com seus filhos, conforme a alegoria magistral de São Paulo, mas na Jerusalém que é lá de cima, a qual é nossa Mãe. A Igreja, no conceito apostólico,**

é livre e a fatora da verdadeira liberdade dos filhos de Deus e, por meio deles, das liberdades públicas.

Os Açoites

O que, sobretudo importa hoje não é repudiar a Igreja por motivos dos abusos, mas expurgá-la dos que a exploram para formar poderio de castas ou de sistemas. As Santas Mãos de Nosso Senhor sempre se negaram a prática de violentas pressões. Tal foi a regra de Sua conduta. Mas nesta terra Ele abriu certa vez uma exceção: foi quando correu do adro do Templo com os que exploravam a religião para fins subalternos. E podemos estar certos de que a Sua divina Mão, vigilante e zelosa, ainda não se desfez dos açoites que laceram e pungem: açoites dos sarracenos dos primeiros séculos, que cortaram uma Igreja que começava a transviar-se, e, modernamente, açoites tremendos que não poupam e que nos fazem tremer. Através das convulsões sociais, em nossos dias, podemos perceber a Mão divina

que foi transpassada na Cruz a zurzir uma cristandade infiel, apóstata. **O que nos cumpre a nós cristãos, não é insurgirmo-nos contra as cordas que nos açoitam, mas por em ordem a Casa de Deus, confiada a nossa guarda, para que ela seja realmente a Casa de Deus, a porta do Céu, e não o balcão de mercancia, nem o ergástulo para manter em servidão as almas, nem o infernal soporífero que entorpece o senso moral dos homens.**

A Igreja deve ser purificada, primeiramente no domínio das ideias: **ou a Igreja como irmandade, no conceito cristão, em que a ideia de fraternidade se acentua e prevalece,** ou a Igreja como império, em que se frisam as distinções pagãs de “senhores e de vassalos”; ou o espírito de sinagoga, a que se tem reduzido a Igreja **ou a restauração do conceito apostólico da mesma Igreja, como a coluna e apoio da verdade, como o veiculo de amor, da paz e da real fraternidade entre os homens.**

Restaurar, pois, o verdadeiro espírito da Igreja, expurgando-o de conceitos pagãos e carnavais, e por isso mesmo, dissolventes, é a

grande obra que deve ser feita em nossos dias. E oxalá saibamos nós fazê-la em nossa Pátria!

A Igreja e o Reino de Deus

A Igreja, esquecida de si mesma, entrega-se de coração a obra do Reino de Deus na terra. A sinagoga, pelo contrário, ciosa de sua própria existência e de sua posição de poderio incontrastável, julga-se como o equivalente do Reino de Deus, e tudo subordina aos seus próprios interesses. A sinagoga não sabe prestar auxílio sem primeiro escravizar.

Há, pois, como se vê, uma flagrante diferença entre o conceito católico da Igreja e o conceito sectário de sinagoga. **Mas o verdadeiro conceito católico da Igreja é o que se firma diretamente em Cristo, pela fé e não se deixa escravizar a qualquer particularismo institucional. Não despreza as instituições, é certo, mas subordina-as ao princípio mais alto consubstanciado em Cristo. Com uma tal orientação, as instituições ou organizações**

religiosas não serão mais um peso morto que se deve arrastar penosamente, mas um instrumento vivo e útil para efetivar a fé nas almas e concretizar as realidades eternas, gloriosas, invisíveis.

Quando Jesus Cristo nos ensinou a buscar primeiramente o Reino de Deus e a impetrar, em oração, “Venha o Teu Reino”, Ele pôs em nossa boca um conceito muito mais elevado e mais amplo que o da Igreja. **E a Igreja salva-se na confusão, quando aprende a olhar para uma finalidade mais alta do que a sua própria existência. A Igreja existe como o mais alto instrumento para implantar o Reino de Deus aqui na terra. Mas a Igreja não é propriamente o Reino de Deus. Se a Igreja fosse o Reino de Deus, seria imprópria em seus lábios a prece “Venha o Teu Reino”, pois nesse caso o Reino já teria vindo e seria a própria Igreja.**

É, portanto, com fé, com amor e esforço estremo, paciente e indefeso, que a Igreja deve trabalhar em prol da causa do Reino de Deus no mundo: o domínio da Verdade, da justiça, do amor e da paz entre os homens. **A Igreja deve**

trabalhar a favor do Reino de Deus, mas não colocar-se como seu equivalente. E quando a Igreja assume uma posição humilde, subalterna, serviçal, tudo vai bem, na sua ordem, nos seus lugares, e as massas respeitam a Igreja como instituição. Porém, quando os que deveriam representar a Igreja assumem a posição de senhorio, a paródia logo se faz notar, e o resultado é a repulsa das massas, com a impiedade e a negação dos próprios valores imperecíveis de que é depositária a Igreja.

O Fogo Sagrado

A Igreja hodierna, debilitada por cismas, e, pior que os cismas, pela sua fé claudicante e pelos seus compromissos com o espírito do século, necessita, como nos dias do Profeta Elias, do fogo sagrado que vem do Alto sobre o altar do sacrifício.

A religião da sinagoga pode ser a religião do cetro, do poderio ou do dogmatismo intolerante em suas múltiplas modalidades, em prejuízo da verdadeira devoção que vincula as

almas diretamente a Deus. **Mas a religião da Igreja é a religião do Espírito, é a religião da cruz, a religião do altar, a religião dos que aceitam o dom divino, que se identificam com ele, e com ele se oferecem a Deus como sacrifício vivo, santo, agradável e perfeito.**

E onde quer que se manifeste o fogo sagrado do Espírito, removidos todos os óbices que empecem a sua livre expressão, ai se encontra não a sinagoga, **mas a legítima expressão da Igreja, Católica e Apostólica, que leva ao mundo, sem equívocos, a mensagem gloriosa do amor de Deus e da supremacia única e incontestável de Cristo, Rei dos reis, Senhor dos Senhores, centro de vida, de luz e de harmonia para todos os povos e raças.**

Apóstolo da Lusitânia

Mas ninguém pense que é fácil, hoje, restaurar os verdadeiros padrões da Igreja em um meio social que se encontra dividido em dois campos antagônicos: o dos fariseus que

professam com egoísmo a religião, e a dos saduceus incrédulos que negam as realidades do mundo transcendente. Para muitos só existe a seguinte alternativa: ou com os fariseus na sinagoga, ou com os saduceus no anfiteatro do secularismo ímpio e dissolvente.

Porém existe ainda uma outra saída, embora de penosa praticagem: **a da Igreja, consoante o ensino, o exemplo e o espírito apostólico do Evangelho.** Tal é a mensagem que também na Lusitânia hoje ressoa ao toque vigoroso do clarim de um eminente franciscano: o Revdo. Padre Alves Correia e seus companheiros de apostolado leiam-se os seus livros, especialmente o que tem por título “A Largura do Reino de Deus”, e ver-se-á que o Espírito de Deus se agita, como no principio, sobre o caos reinante, levando as alma a`a luz, à esperança, à harmonia do amor e da fé que ajuda edifica o Corpo de Cristo, a Sua Santa Igreja, Católica e Apostólica.

A igreja e a Pátria

O assunto, que aqui temos versado, não é de maneira alguma um ponto de somenos, não é uma questão de “lana caprina”, de turras ou sutilezas acadêmicas, mas de tremendas conseqüências para a vida moral, social e política dos povos, inclusive a da nossa própria nacionalidade.

Porque faz tanta diferença se concorremos para edificar em nossa pátria a estrutura espiritual da sinagoga ou a da Igreja. A sinagoga fanatiza, escraviza, inculca nas almas o ódio sectário, de parilhas com os ódios extremistas da impiedade. A sinagoga não conhece outra maneira de reger os homens senão pela força, pelas algemas, pelas ameaças, pelo pavor, e não tolera dissidências; e por isso mesmo prepara o caminho de sistemas políticos de absolutismo e prepotência porém, **a Igreja, como Cristo a instituiu e os Apóstolos lhe lançaram as bases desde o Dia de Pentecostes, predispõe os espíritos para a verdadeira democracia, que não pode ser senão cristã, e constitui o único fundamento**

seguro onde poderão subsistir as liberdades publicas.

A maior obra, que deve ser hoje levada por diante em nossa pátria por todas as almas crentes e de escol, não é a de mudar os regimes políticos e sociais, e nem ainda a de erigir pequeninos ou grandes núcleos religiosos no espírito de sinagoga, **mas a de implantar com vigor nas almas o verdadeiro espírito da Igreja de Jesus Cristo: Una, Santa, Católica e Apostólica, diretamente vinculada a sede suprema, a Jerusalém celestial, e por isso mesmo livre e desembaraçada no exercício da sua gloriosa missão em prol do Reino de Deus na terra. E só assim poder-se-á dizer, nas palavras do cântico sagrado:**

Da Igreja é o Alicerce / Jesus, o Salvador
Em Seu Poder descansa, / É forte em Seu
Amor.

Pois que ele permanece / A Igreja existira
Com vida renovada: / Jamais perecera.

A Pedra Preciosa / Que Deus predestinou.
Sustenta pedras vivas / Que a graça trabalhou.
E quando concluído / O monumento em luz,
A gloria do edifício / Será do Rei Jesus.